



**FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO**

João Vitor Campos dos Reis, RA 11032596

RELATÓRIO DA COLETÂNEA DE LIVROS-REPORTAGEM

‘CACOFFATOS’

**BAURU
2018**

Reis, João Vitor C. 1986-.

Cacoffatos: memória e perfis do movimento estudantil do
passado e presente/

João Vitor Campos dos Reis, 2018

27 f.

Orientador: Arlindo Rebechi Junior

Monografia (Graduação)- Universidade Estadual Paulista.
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru, 2018

1. Jornalismo. 2. Entrevista. 3. Movimento Estudantil. 4.
Memória I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de
Arquitetura, Artes e Comunicação. II. Criação Literária.

Agradecimentos

Ao professor Luiz Fernando da Silva, que se interessou pelo meu tema e me orientou até se licenciar por razões de saúde. Espero melhoras.

À República Risca-Faca, 32 moradores diferentes em dez anos de vida, a maior república de jornal, e local que me inspirou a criar raízes em Bauru.

À minha família, tão paciente em lidar comigo durante mais de sete anos na graduação.

Cacoffatos

Memorial de Projeto Experimental apresentado em cumprimento parcial às exigências do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social: Jornalismo.

Bauru, __/__/__

Prof. Dra. Maria Cristina Gobbi
Membro da Banca Examinadora

Prof. Dr. Juarez Tadeu de Paula Xavier
Membro da Banca Examinadora

Prof. Dr. Arlindo Rebechi Junior
Orientador e presidente da Banca Examinadora

RESUMO

Este projeto experimental trata de uma coletânea literária que busca apresentar, através dos fatos históricos do movimento estudantil, a busca de reminiscências nos contextos — principalmente e não somente políticos — do campus da Unesp de Bauru. Sua finalidade é construir e traduzir ao estudante contemporâneo da área de comunicação a formação de sua identidade local, bem como suas mutabilidades desde o surgimento do Centro Acadêmico de Comunicação Social “Florestan Fernandes”, o CACOFF, em 1996, com primeira gestão em 1997. Busca-se construir um projeto de memória através de depoimentos dos estudantes de comunicação sobre sua época de graduandos, a influência do contexto político vivido, bem como suas experiências, construção pessoal e produção militante, acadêmica e profissional em uma das três áreas de atuação.

Palavras-chave: Movimento Estudantil, Comunicação, Unesp, Política, Centro Acadêmico.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
2.1 Justificativa de gênero e Formato	
2.2 Revisão dos conceitos e escolhas	
2.3 Técnicas jornalísticas empregadas	
3. METODOLOGIA DE EXECUÇÃO	21
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
BIBLIOGRAFIA	27

1. Introdução

É preciso de imediato compreender que o movimento estudantil se encontra em uma encruzilhada (e segue sempre a atravessar), onde o acesso ao ensino superior brasileiro ganhou uma sutil presença que antes era exógena ao universo acadêmico — o discurso das minorias sociais — em verdade grande massa identitária em condição de exclusão em seu contrato social — mexem cada vez mais com as estruturas, as tradições culturais, contradições presentes na vida social de uma instituição de ensino superior, sejam nos problemas que compreendem as relações de trabalho como servidor público — o que compreende suas responsabilidades coletivas dentro do tripé acadêmico (ensino-pesquisa-extensão) — ou no intenso impacto das experiências dentro do corpo discente. Conforme relaciona o sociólogo Jessé Souza (2009), o caráter vinculado aos privilégios de estrato social, capital econômico e cultural; vinculado ao refinamento necessário do aparelhamento partidário — em qualquer posição de um dado espectro — das entidades que organizam a coletividade dos estudantes recai sobre uma representação de ortodoxia onde os valores inerentes às ideologias formadoras dos quadros políticos são proeminentes e passaram a se afastar de aspectos pragmáticos da sociedade, da realidade material, sensível na relação entre classes e das suas organizações, levando ao definhamento de uma ‘maneira de ser político’, que se encontra em um potencial estado de reprodutor de vícios sociopolíticos. A universidade pública parece formar, em termos (estritamente, e justamente por isso) políticos, quando muito, em curto, médio ou longo prazo, um sujeito que somente se alimenta dos piores valores do nosso sistema, hoje em devastadora crise. Sobrevivendo daquilo que é político-institucional e se afastando das bases organizadoras da coletividade — estas que realmente necessitam de apoio — alheios à necessidade de se envolver com as necessidades sociais diretas, como o que antigamente já foi mais importante como modelo agregador e envolvente na nossa vida em sociedade, caso da participação nas organizações de bairro ou as Comunidades Eclesiais de Base organizadas pela Igreja Católica nos anos 1960 e desenvolvidas entre os anos 1970 e 1980.

A inclusão universitária de grupos antes em condição de execração, e portanto secularmente distanciadas do ensino qualificado, pedagogicamente renovado em teoria, estruturado nos dias de hoje como de nível superior, e principalmente (como procuro ser ao foco deste projeto) de um modo se fazer estudante organizado estampou de modo reforçado este distanciamento, oriundo de um encontro de valores antes abismados

socialmente. Isso em se tratando de entidades que dispõem de boa estrutura econômica. Quando tratamos da Unesp e sua condição de exercício de um projeto político-institucional não há existência além do incipiente enquanto materialidade, mantendo uma relativa condição de nulidade social, dado o projeto educacional de dispersão do ensino público no Estado ao mesmo tempo em que lidou, oficialmente desde 1976, com um projeto reconhecidamente centralizador, burocrático, de pouca identidade própria — ora, uma centralidade que lidava com a identidade institucional dos então quatorze Institutos Isolados; posteriormente a Fundação Educacional de Bauru e por fim as nove unidades diferenciadas (ou campi experimentais). Em muitos dos seus atuais 24 campi — distribuídos em 34 unidades que exercem o tripé acadêmico, mais 38 unidades auxiliares, complementares e especiais —, quando o referencial é o movimento estudantil da Unesp, temos esta constituição ideologista e restrita ao interior do campus das organizações estudantis que encontra-se sem capacidade infraestrutural, além de pouquíssimo alcance social; há os campi que encontraram nas empresas juniores uma resposta contemplativa à preparação técnica e de mercado, mas deixam lacunas convenientes, em termos institucionais, sobre o saber crítico e político —; o papel político inerente a um centro acadêmico — suas pautas, posicionamentos políticos, seu papel produtivo, sua organização dos espaços de debate — partidários ou não —, por exemplo, se desvanecem. Fazem certa presença ao se expor à percepção silogista das necessidades essenciais que dão a real independência, a condição financeira para se cursar uma graduação, caso dos questionamentos sobre a permanência estudantil (bolsas de extensão, restaurante universitário, moradia estudantil, auxílio moradia, entre outros) — o que de certo modo não deixa de ter um lado positivo enquanto inclusão justamente daquele que não congrega como entidade política.

O Movimento Estudantil é uma área com poucos estudos por haver uma visão passageira, onde se trata a causa simplesmente como uma cólera juvenil — como se todo jovem tivesse a participação política como um processo biológico natural onde mais se age do que se pensa. Ora, esse “estopim hormonal” no Brasil foi a razão de um processo histórico que formou a UNE, em um país de dimensões continentais. Como objeto tanto das políticas de caráter liberal, na campanha pela entrada do Brasil na luta contra o nazi-fascismo, durante a 2ª guerra mundial; como nos governos populistas, na campanha pelo monopólio estatal da Petrobras; também nos protestos contra a ditadura civil-militar, desde as premeditações do movimento golpista de 64, onde perdeu sua

sede, incendiada, até o AI-5 de 1968, quando foi desintegrada, e passou a agir na clandestinidade até a redemocratização; há o destaque da UNE na atuação pelo Impeachment do Presidente Fernando Collor de Mello, em 1992; posteriormente a isso a UNE não se encontrou mais em situações extremas e encontrou dissidências organizadas como a Assembleia Nacional dos Estudantes — Livre (ANEL).

O historiador Antônio Mendes Júnior (1981) reforça ainda que, como parte de um movimento, o estudante assume o papel de realizador de fenômeno de primeiro plano. Mendes Júnior ainda salienta que:

O que permitiu ao estudante desempenhar esse papel foi justamente aquilo que é, por muitos, apontado como a ‘falha’ do movimento estudantil. Em outras palavras, é a situação de transitoriedade, de descompromisso relativo com o processo de produção, de ausência de responsabilidade – em grande parte – para com o sustento de uma família que faz do estudante um ator político de maior mobilidade, de maior ‘agilidade’, que pode atuar quando outros segmentos da sociedade, pelos mais variados motivos, estão impedidos de fazê-lo (pp. 8 e 9).

Obedecendo ainda por cima o fato de que o movimento estudantil é apenas um dentre tantos outros movimentos sociais que se desenvolvem a ponto de ampliar suas causas para além de sua condição social, conforme sua conjuntura, sendo então fontes de mudanças sistêmicas. O historiador também aponta que o tipo de ação dos estudantes — seus métodos — também é diferente para cada contexto histórico (1981, p.9). Sabe-se em contrapartida que o estudante não constitui uma classe social; logo não se guia pelas próprias diretrizes e não faz por si a sua política; também não são uma classe aliada ou inimiga de outras classes organizadas. Quanto à fase universitária, o estudante estará ligado as suas aspirações profissionais as quais já se envolvem demandas. Então se põe em realidade que o estudante somente

pode aspirar, (...) politicamente, à função de pensadores e agentes de uma estratégia social que vise determinadamente a fins sociais dentro dos quais se possam concretizar suas aspirações de estudantes e à qual continuem fiéis quando fluídos seus anos de estudantes (Houaiss, 1968).

Se acompanharmos os fenômenos globais, o movimento estudantil dos últimos anos reconhece com mais força o papel da diversidade cultural. O passado

organizacional junto às organizações pastorais permanece no dia a dia, mais enfraquecido, com uma mudança de vieses até na escolha da religião, é verdade; porém, é parte de um passado que explica tanto o conceito de organizações democráticas as quais a política se afastou, tornando-a, durante esta crise ético-política, numa “classe” — como pode o poder e a sua inerência sobre sua disputa tornarem-se um assunto assim caracterizado não é um mero acaso — quanto serve para interpretar sua metamorfose, e capturar o com isso o entendimento mais amplo sobre o cenário de organização das pautas, das demandas, da mediação, da captação dos símbolos. Em Bauru existem espaços que criam a dinâmica essencial entre o estudante da Unesp e o corpo sociocultural do município. Nesta percepção de diversidade há um ponto de partida para que se organize organicamente a classe estudantil. A ‘ecologia de saberes’ proposta pelo sociólogo português Boaventura de Sousa Santos (2010, p. 56) “procura dar consistência epistemológica ao pensamento pluralista e propositivo”. Dadas as possibilidades atuais de inclusão na universidade brasileira é possível traçar pela situação socioeconômica e cultural dos estudantes locais características diversas que podem ou não contemplar um conceito hegemônico: existem saberes diversos que devem ser compartilhados em função do saber científico de cada um dos cursos existentes da Unesp Bauru (no caso deste projeto experimental focando-se nas ideias que envolvem as abordagens, criações e mediações das ciências da comunicação) e também reconhecer seus limites, que tem a oportunidade de intersecção — uma chance de troca de saberes — com a entrada gradual de novos grupos sociais historicamente oprimidos e/ou marginalizados, dados como ignorantes, quando na verdade já são de uma sistêmica rica. O sociólogo (2010, p.56) ainda salienta:

“Na ecologia de saberes, a ignorância não é necessariamente um estado original ou ponto de partida. Pode ser um ponto de chegada. Pode ser o resultado do esquecimento ou desaprendizagem implícitos num processo de aprendizagem recíproca. Assim, num processo de aprendizagem conduzido por uma ecologia de saberes, é crucial a comparação entre o conhecimento que está a ser aprendido e o conhecimento que nesse processo é esquecido e desaprendido”.

Cabe concluir que as novas organizações de base estão nestes nichos, ou falando mais amplamente, nesta rede de saberes que dá nascimento a uma nova ideia de unidade. Para elucidar: o corpo estudantil militante e seus conceitos dados como

“ultrapassados”, ou coisa do passado, caricatura da caricatura [sic] das mobilizações sociais quando estas faziam sentido na verdade são um impressionante saber já construído e com memória em demasia para ser transmitida ou compartilhada. Neste lugar deveria ser trabalhada a comensalidade com os coletivos estudantis de minorias dentro da Universidade (para mencionar a Unesp Bauru, entre 2014 e 2015 foram organizados o Coletivo Negro Kimpa, o Coletivo Feminista Abre-Alas e o Coletivo LGBT Prisma, que em seu interior interagem-se a muitas concepções em debate), assim como os coletivos e movimentos organizados na cidade — caso, por exemplo, do Acesso Hip-Hop . Entretanto, é perceptível que até poucos anos antes a dinâmica entre os movimentos internos e externos à universidade já compreendeu outros grupos, por exemplo — controvérsias à parte —, o Circuito Fora do Eixo, que em Bauru identificou-se pelo Enxame Coletivo. Podemos observar as manifestações culturais contra-hegemônicas, as militâncias ativas em contextos os mais variados e com estas mesmas forças de coalizão.

É conclusivo defender que é a forma de organização da sociedade interconectada que se proclama como o *modus operandi* que deveria reger o movimento estudantil e suas entidades, tendo na sua memória um instrumento de comprovação desta estratégia ou o diagnóstico das práticas que deve ser corrigidas ou evitadas. Um movimento estudantil local que deixa de olhar o todo universitário e deixa de conhecer e estruturar sua história jamais terá continuidade e terá dificuldade em saber atuar nos processos de mudança e de se fazer ouvir, principalmente se tratar seu conhecimento como superior, tal como o saber científico. “A ignorância é só uma forma desqualificada de ser e de fazer quando o que se aprende vale mais do que se esquece. A utopia do interconhecimento é aprender outros conhecimentos sem esquecer os próprios”. Sua leitura sobre ecologia de saberes ainda propõe pesquisar três conjuntos principais de questões: primeiro, da identificação dos saberes; segundo, da concepção de procedimentos que permitem relacioná-los entre si; terceiro, da natureza e avaliação das intervenções no mundo real que possibilitam (2010, p.65).

O movimento estudantil da Unesp Bauru, mais especificamente sob a ótica do CACOFF, será o objeto de pesquisa, em paralelos com o contexto histórico do movimento estudantil nas esferas nacional, estadual e local, partindo da época de surgimento da entidade estudantil. Produções teóricas da UNE, especialmente desde o período pré-golpe militar de 1964, documentaram e construíram a memória do

movimento estudantil nacional e servem de referência para reconhecimento de cada contexto histórico local. “Várias pessoas poderão ir, com melhores condições, em busca do maior número de documentos e ainda entrevistar seus partidários mais expressivos, de todas as idades” (Sanfelice, 1986, p.9). O perfil jornalístico de estudantes de diversas gerações — dos membros mais recentes até a geração que deu origem ao CACOFF. Deve-se também obter, para desenvolvimento da documentação e memória, conteúdo transmidiático para uma produção que se pretende aberta para a comunidade do campus da Unesp Bauru.

Sabe-se da criação do CACOFF em fins de 1996 como entidade estudantil autônoma e via de união dos Centros Acadêmicos de Jornalismo, Radialismo e Relações Públicas e da sua atuação inicial com a organização da primeira Semana de Comunicação e de seu vínculo de atuações com o Diretório Acadêmico ‘Di Cavalcanti’ (DADICA), entidade representativa dos estudantes de toda a FAAC, que contribuiu para o surgimento da entidade. A partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996 (LDB/96) e através dos anos o movimento estudantil na Unesp passou a perder espaço institucional legal (especialmente na concentração do peso dos votos para os professores) conforme crescia a oposição a políticas da reitoria e do governo estadual paulista, gerido desde 1995 até o presente pelo PSDB. Desde as bases estudantis até o Diretório Central dos Estudantes “Helenira Rezende” (DCE-HR - hoje desativado e desassociado da FATEC) houve persistência na ideia de revolução como “ruptura dramática” (B.S. Santos, 2010) desenvolvendo uma condição conformista e inerte na classe estudantil, assim, afastada de direitos democráticos. Sem peso político legal, a repetição das demandas (não que elas não fossem urgentes — especialmente as de assistência estudantil), a perda de contato ideológico prático com a instituição pública Unesp e a padronização do estudante organizado como ‘radical’ sublimou, na instituição, tanto a noção de coletividade dos estudantes como também sua visibilidade na participação dos órgãos colegiados. O olhar do estudante enquanto politicamente organizado se fragmentou principalmente dos aspectos profissionais, principalmente notado pela formação das empresas juniores, que apesar do papel útil de aprimoração empresarial para o mercado de trabalho são esvaziadas de postura política no que tange a coletividade estudantil - uma via de gestão importante arrancada do CA com fins privatistas; simplificando, é como um carro sem volante. É comum que hoje o estudante que entra na universidade não só desconhece o que é um CA, como desconhece seu

papel público em um espaço idem, enquanto que em oposição sabe dar seus passos nas suas questões de cunho particular - seja como direito a privacidade, seja como uma individuação que se isola daquilo que é público. No caso do CACOFF e seu período de existência, pouco se sabe sobre sua história: suas gestões, que contexto viviam, quem as liderava, quem são os profissionais de comunicação de hoje que participavam politicamente na FAAC/Unesp Bauru.

A falta de um projeto de memória e arquivo da atuação estudantil (exceção a UNE, entidade máxima) dificulta demasiadamente os rumos de entidades, sem a formação de elos de geração entre gestões que formam a identidade de um CA. Deve ser de fato tão útil e inerente à atividade jornalística — que o digam agremiações como o Lupe Cotrim (CALC, da ECA/USP) e o próprio CACOFF —, quanto já é em relação aos historiadores e arquivistas. Ora, remete-se a narrativas que devem ser contadas com a finalidade de evitar situações que são, para a instituição universitária pela qual o CA atua — cujos servidores técnico-administrativos e docentes detém vivência por vezes secular —, desgastantes ou repetitivas por causa do desconhecimento de uma coletividade de estudantes despreparada em aspectos de compatibilidade; coletividade de estudantes que, em consequência das divergências deve obter pela memória a unificação de pensamentos incompatíveis ou quando muito, mergulhados em políticas de conciliação, muitas vezes mal vistas em função do fisiologismo institucional parasitário. A memória de um CA deve ser um elemento facilitador da organização dos estudantes, bem como dos argumentos, da identidade, e da politização intrínseca decorrente das causas relacionadas com a profissão a qual o estudante se gradua, independentemente do saber científico (exatas, humanas, biológicas).

Este projeto busca como objetivo construir um projeto editorial de veiculação midiática construída para o CACOFF, através da memória, a publicação de acontecimentos, valores e aprendizados do movimento estudantil do campus buscando permear a consciência do corpo discente sobre a importância dos Centros e Diretórios Acadêmicos, os valores de cidadania e política em todos os espaços em forma híbrida com o presente e principalmente, incentivar a construção de um projeto editorial de caráter popular, contra-hegemônico.

Com entrevistas-perfil a princípio o projeto busca obter depoimentos de membros de gestões do CACOFF, tanto da geração atual como de gerações passadas, partindo de uma perspectiva pessoal e a englobando com base nos fatos ocorridos em seu período.

Em consequência dos depoimentos uma forma de fazer suíte dessa abordagem é aproximar a relação com os servidores docentes (Adunesp) e técnico-administrativos (Sintunesp) da Unesp Bauru e possíveis setores (políticos e culturais entre outros) da cidade de Bauru. Também em concomitância obter documentos, fotografias, periódicos etc. que remetam à época desses estudantes.

O projeto procura também tornar fundamental a importância das entidades estudantis no campus da Unesp Bauru em termos de política, autogestão da atividade profissional, atividades do tripé acadêmico, postura de discurso e eficiência do debate.

Procura-se, em nível de acordo com a instituição viabilizar a possibilidade de acumular conteúdo documentado através da instituição via utilidade do portal de ex-alunos (Sempre Unesp), ou através da organização da gestão do CACOFF, servindo de modelo a demais entidades estudantis.

O projeto também busca promover, a memória de outras entidades estudantis do campus Bauru, (inclusive os DA, que datam desde a Fundação Educacional de Bauru, FEB) e num crescendo, entidades dos demais campi, que possivelmente têm sua existência anterior aos encampamentos dos Institutos Isolados de ensino Superior (IIES) do interior paulista e criação da Unesp, em 1976, com o campus de Ilha Solteira.

2. Fundamentação Teórica

2.1 Justificativa do gênero e formato

Cacoffatos é uma série de livros-reportagem, uma coletânea envolvendo, por edição, um perfil de um ex-aluno das graduações na área de Comunicação Social (Jornalismo, Radialismo ou Relações Públicas, sendo que antigamente cada uma destas era unificada sob uma habilitação da graduação em Comunicação Social). Em paralelo, conta a narrativa do autor tratando de suas experiências durante a graduação em Jornalismo na FAAC/Unesp Bauru. Assuntos variam desde aspectos pessoais até correlações com as experiências dos entrevistados. O livro também utiliza da fotografia como conteúdo extra para construção de um arquivo que relaciona as experiências dos entrevistados.

Diálogos em áudio, bem como reportagens, músicas e vídeos da rede são utilizados como complemento ao livro através do uso do *quick response code* (ou *QR code*). Muitos acontecimentos também são relatados na forma de notas no final do livro chamando atenção não só ao fato como à elaboração de um banco de dados a ser trabalhados, seja em relação à Unesp ou a notícias vinculadas a mesma ou outros assuntos.

O tema da vivência universitária acompanhado do recurso do depoimento foi um modo de propor ao leitor com o máximo de detalhe o que foi estudar na FAAC/Unesp Bauru, trazendo uma variedade de olhares sobre eventos cruciais, tratar das situações de greve, formas de articulação, lares, opiniões, seja como um ativo presente nas entidades estudantis (a depender da época o CACOFF ou o DADICA), respeitando o que for do sigilo da fonte, elaborando a comparação no tempo, um lado diferente na história, disputas políticas efetivas e desgastantes, seja como participação auxiliar, não atuando necessariamente como membro de chapa.

2.2 Revisão dos conceitos e escolhas

O formato a ser trabalhado já se planejou um webdocumentário depois documentário, com o uso de recursos audiovisuais para capturar os depoimentos, construídos com base teórica de leituras sobre Eduardo Coutinho. Mas a ideia foi abandonada por fator de recursos técnicos em um trabalho individual, e em favorecimento ao recurso da entrevista-perfil, do diálogo e do jornalismo textual interpretativo, com o recolhimento destes depoimentos via gravador.

Ficou apenas sob planejamento a elaboração de um conteúdo digital transmídia através de aplicativos online do *Northwestern University Knight Lab*, que desenvolve tecnologias digitais em software aberto online. Os aplicativos serão voltados ao uso do *storytelling* — uma combinação do uso dos softwares Timeline JS (construção de linhas do tempo), SoundCite JS (inserção de áudios), Juxtapose JS (imagens comparativas para o passado e o presente) e StoryMap JS (a contação da história através de mapas) — da forma a divulgar o CACOFF para a comunidade acadêmica, contando com o recolhimento da documentação e das entrevistas-perfil que descrevem sua pessoa contemporânea tanto quanto sua experiência, com o uso da linguagem audiovisual e de fotografia documental para retratação dos personagens entrevistados. Com fins de elaborar uma versão transmidiática do projeto estritamente pelo meio da internet, o que

se propõe como uma premissa futura de construção de um projeto de mídia para o CACOFF.

Quanto à escolha dos entrevistados foi elaborada uma grande base de nomes para escolha, baseado nas três graduações e visaram a princípio separar as gerações entrevistas perfil períodos de quatro em quatro anos, partindo ano de surgimento do CACOFF:

- 1997-2000
- 2001-2004
- 2004-2008
- 2009-2012
- 2012-2016

Sendo que é o período mínimo de duração dos cursos de comunicação da FAAC/Unesp Bauru. Os listados não só são ou foram membros de chapa como podem ser ou ter sido apenas representantes discentes em órgãos colegiados ou serem membros de outras chapas, por exemplo no DADICA, ou outras formas de envolvimento na universidade.

Foram reunidos, em uma primeira fase, sete perfis, que se reuniriam em somente um livro, mas que depois recebeu novo formato, de coletânea, tal como um projeto editorial que se renova de tempos em tempos e segue um conceito de responder pela centralidade das atividades estudantis como um todo no âmbito da comunicação. Os anos que os descrevem são os de início e fim da graduação. Nestes nomes não consegui incluir um ou uma estudante de Radialismo pelo fato de que os que estavam ao alcance não cobriam a linha do tempo que procurava inicialmente, ou pelo fato de que eram contemporâneos dos entrevistados, ou por falta de recursos para lidar com a distância. São:

1. Gabriel Maia Salgado (Jornalismo, 2008-2012);
2. Marco Antônio Matrone (Relações Públicas, desde 2013);
3. Keila Cristina Grassi Lourenço (Relações Públicas, 1996-2000);
4. João Ricardo Penteado Lopes da Silva (Jornalismo, 2005-2010);
5. Keytyane Verônica da Silva Medeiros (Jornalismo, 2012-2016);
6. Aléssio Iannone Esteves, (Jornalismo, 2000-2003);

7. Mara Rita Oriolo de Almeida (Relações Públicas, 1996-1999).

Apenas os três destes entrevistados já tiveram a conclusão da edição, a ser diagramada. Outros entrevistados apareceram até a conclusão da terceira edição como conteúdo complementar via áudio. São:

1. Bruno Ginoldo Candeias (Radialismo, 2007-2010);
2. Fábio Negrão Figueira Pinto (Ex-aluno da FEB, docente do Departamento de Comunicação Social da FAAC);
3. Guilherme Cunha Weimann (Jornalismo, 2009-2016);

Como projeto editorial, a coletânea pretende seguir com um número contínuo, sendo assim uma introdução de um repositório para um *briefing* jornalístico assessorado e determinante para a organização dos estudantes de comunicação. Um oitavo livro muito provavelmente procuraria por um aluno ou ex-aluno da graduação em Radialismo.

2.3 - Técnicas jornalísticas empregadas

Seu desenvolvimento teve como premissa inicial a leitura das fontes em seu contemporâneo, priorizando por aqueles que tenham mais permeabilidade para o diálogo (Medina, 2002, p 29). Também a busca pela verdade em relação à leitura dos depoimentos, e o uso do jornalismo interpretativo para que se espere pela “interação social criadora” e se busque o presente das fontes entrevistadas ao decifrar suas palavras (Medina, 2002, pp. 31, 33), e correspondê-las da melhor forma como construção de um arquivo. Em consequência do aprofundamento do diálogo possível de Medina serão desenvolvidos seus perfis, de maneira a aprofundar e responder a uma “relação humana durável, cultivável, por mais opostas que sejam suas posições” (Medina, 2002, p. 31).

Perfis que se desenharão em torno do dia presente e de seus episódios marcantes (Villas-Boas, 2003) — das vivências universitárias e suas nuances do movimento estudantil. Para o jornalista e escritor, o produto será de caráter empático e imersivo, devendo conhecer a fundo as situações e circunstâncias experimentadas pelo personagem (2003, p. 14). Da leitura dos dois autores temos a entrevista biográfica como resultante. A fotografia será de importante uso para a técnica de retratos que ilustrem o mais claramente possível sua personalidade contemporânea, ou talvez, sua reminiscência com sua época de militância como estudante de comunicação.

Ciclicamente, algumas das informações chave que interessarão nessas entrevistas serão “quem você foi?”, “quem você é hoje?”, “que documentos comprovam sua experiência ou fatos?” e “quem, na Unesp Bauru, levou você à participação e militância?” — tudo com a finalidade de se chegar a fontes cada vez mais antigas, chegando às origens do CACOFF e possivelmente uma genealogia que leva às razões de ser estudante nas antigas Fundação Educacional de Bauru e Universidade de Bauru. Documentos do arquivo físico do CACOFF e do DADICA e trabalhos de conclusão de curso mais antigos tanto serviram de biografia como serviram a questões que envolveram os entrevistados.

Seguindo a linha de Edvaldo Pereira Lima (2009, p.20 e 21) O Jornalismo interpretativo inclusive tratou de esmiuçar sobre o que se perdeu, a “elucidação do que está mal explicado” através de elementos por ele enumerados.

Primeiro, O *contexto* do fato nuclear ou da situação nuclear – quando se trata de um tema mais duradouro e que não reflita apenas uma ocorrência menor, quase isolada, para que se tenha uma visão clara de toda a rede de forças (internas e externas à organicidade e vivências estudantis), naquele fenômeno focalizado, o que lhe determina, impele, faz ser como é elementos de atualidade política, como o movimento estudantil se insere.

Em segundo, os *antecedentes*, para resgatar no tempo as origens do problema, como veio crescendo até o eclodir do fato que se examina ou a maturação da situação que se aborda; a memória através do fatos passados do ME, tais como as ações jurídicas de Hidalgo (detalhado no primeiro livro), a desativação do DADICA, a dificuldade em se estabelecer um DCE na Unesp, as greves e suas facetas bem e malsucedidas etc.

Terceiro, O *suporte especializado*, mediante enquete, pesquisas de opinião pública ou entrevistas com especialistas e testemunhas do assunto em questão para lhe dar a sustentação que evita a informação oca. Professores que tenham alguma relação com o ME na Unesp são boas fontes, assim como uma forma de abordagem do público-alvo ou as próprias entrevistas-perfil como forma de obter respostas sobre um dado contexto.

Quarto, A *projeção*, visando inferir do presente e do passado os desdobramentos, suas consequências possíveis, seu alcance futuro. Podem ser aspectos de caráter geral,

introdutório; meu caso de experiência enquanto graduando traz elementos de importância como as ações jurídicas de Hidalgo, casos ‘fóbicos’ etc.;

E em quinto *o perfil*, que é o lado da humanização da reportagem, já que o jornalismo se diferencia também por ser uma forma de comunicação que se volta para a pessoa, em última instância, como seu foco central e como tal visa emocionar, ao lado da elucidação racional, para transmitir um retrato completo dos temas que aborda as entrevistas-perfil procurando elucidar quem são e como vivem os comunicadores que passaram pelo CACOFF — são a base do trabalho.

Tom Wolfe serviu para introduzir fundamentos em torno do fenômeno do *New Journalism* com certa correção ao conceito do produto feito, O caráter se aproxima mais do autobiográfico do que para a prática jornalística de fato, sendo que tratei de tentar me envolver e evoluir na técnica da escrita em referência a este autor. Wolfe inclusive procura corrigir, em seu livro ‘Radical Chique’, a ideia de subjetividade:

“O Novo Jornalismo foi muitas vezes qualificado de ‘subjetivo’ por essa razão: Richard Shickel, em *Commentary*, definiu-o como ‘uma forma em que fica entendido que o autor se mantém em primeiro plano em todos os momentos’. Na verdade, a maior parte dos melhores trabalhos dessa forma foram feitos com narrativas de terceira pessoa, com o autor se mantendo absolutamente invisível (...)” (2005, p. 70)

Em compensação, a escrita procurou ser sutil, o que procurou não aprofundar muito em experiências de grande intensidade, tanto em função de autopreservação do autor quanto à preservação das fontes entrevistadas. Afinal, em se tratando de lembranças e de memória somente alguns simbolismos já teriam a força de trazer ao leitor os valores que permeiam as experiências estudantis:

É bem conhecido o poder de uma única imagem numa história ou canção para evocar um sentimento complexo. (...) A memória de uma pessoa é, aparentemente, composta por milhões destes conjuntos, que funcionam com o mesmo princípio de um retrato falado. Os escritores mais dotados são aqueles que manipulam os conjuntos de memória do leitor de maneira tão rica, que criam dentro da mente do leitor todo um mundo que ressoa com as emoções reais do próprio leitor. Os

eventos meramente ocorrem na página, impressos, mas as emoções são reais. (Wolfe, 2005, p.79)

3. Metodologia de Execução

O documentário passou a ser livro assim que foi dado início a elaboração do produto, de público-alvo institucional, com finalidade estritamente assessorada, de refinamento arquivo e em prol da organicidade dos estudantes da FAAC/Unesp.

A ideia principal foi mantida desde o início da elaboração do projeto, em 2016, quando saí de Bauru para realização do projeto em São Paulo, morando na cidade de Guarulhos e fazendo incursões pontuais na capital. Neste ano aprimorei a parte teórica e resolvi interromper o projeto para dedicação em cursos complementar na área dos Direitos Humanos entre outras atividades.

As entrevistas foram realizadas no decorrer de 2017. Foram sete, sendo que três delas foram aproveitadas para a apresentação das primeiras edições do produto.

A entrevista com Gabriel Maia Salgado, da turma de Jornalismo de 2008, foi realizada em seu apartamento. Como amigo e morador da mesma república, a ‘Risca-Faca’, sendo que adentrei a casa em 2011 e morei por lá desde o início da graduação, enquanto Gabriel estava no quarto ano. No trabalho deste livro, além do contato mais facilitado e frequente houve espaço para mais de um encontro, saídas para o encontro de Thaís Almeida Rocha, da turma de Radialismo de 2009 — e provavelmente um depoimento para o futuro. Em especial foi detalhado o ato de entrega de abaixo-assinado no Departamento do Comunicação Social em manifestação por melhorias na graduação em Jornalismo, acompanhado da distribuição de cartazes que parodiavam nomes de professores e faziam humor de seus problemas em aula. O Professor João Eduardo Hidalgo, por sua vez reagiu de maneira dada por muitos como intolerante e manipuladora dos fatos, entrando com um processo que inferia a culpa em indivíduos, quando o comum é o movimento estudantil reivindicar coletivamente suas demandas. Hidalgo processou Gabriel, que era uma das referências no CACOFF e membro de gestão nesta época, além de Luana Rodriguez, graduanda da turma de 2010, que escreveu reportagem sobre o ato para o jornal-laboratório ‘Extra’, da disciplina de Jornalismo Impresso I, e o então professor no Departamento de Ciências Humanas Jean Cristtus Portela, que segundo o processo “manipulou” ambos os discentes na realização deste ato.

O segundo entrevistado foi Marco Antônio Matrone, da turma de Relações Públicas de 2013, que foi realizada em Bauru, estando ele ainda morador na república ‘Cajuteria’. A entrevista tratou em especial do contexto da tentativa de inserção do Programa de Inclusão com Mérito no Ensino Superior Paulista (PIMESP), rejeitado pelos Conselhos Universitários da USP e Unicamp, mas ‘aprovado com ressalvas’ pela Unesp. O programa previa a criação do Instituto Comunitário de Ensino Superior (ICES), também chamado de *College*, em referência ao modelo dos EUA de formação universitária, em parceria com a Universidade Virtual do Estado de São Paulo (Univesp). O programa foi considerado, no aspecto do objetivo da implantação de cotas raciais, excludente e omissivo, quando seu papel legal previsto deveria ser a promoção da inclusão e do reparo histórico da questão racial no Brasil. O ICES foi rechaçado por especialistas e militantes da causa negra, principalmente pelo modelo de funcionamento no qual obrigava o cotista aprovado no vestibular a prestar curso à distância neste *College* por dois anos necessitando alcançar a média de 70% para poder entrar numa universidade do estado de São Paulo. O mesmo elabora um TCC com temática similar ao deste trabalho, procurando trabalhar as relações organizacionais dentro das entidades estudantis na Unesp Bauru.

Poucos dias depois foi realizada a entrevista com Keila Cristina Grassi Lourenço, bauruense, da Turma de 1996 de Relações Públicas, participante da primeira gestão do CACOFF sendo ativa apenas pontualmente. Ela teve formação no Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério, fez um ano na faculdade de Educação Artística da FAAC, sendo desistente, antes de adentrar a faculdade de Relações Públicas. Keila se formou mas não atuou na área e hoje está encaminhando a conclusão do curso de Pedagogia, sua paixão na FC/Unesp.

Em paralelo foram sendo desenvolvidas a narrativa pessoal, que nestes três primeiros livros vai se desenvolvendo desde os trotes e primeiras festas estudantis, passando pela minha experiência com projetos de extensão como o Núcleo de Estudos Orientados em Economia Criativa, o NeoCriativa, do professor Juarez Tadeu de Paula Xavier, e o Observatório de Educação em Direitos Humanos, OEDH, do professor Clodoaldo Meneghelo Cardoso, ambos descritos com a participação minha e dos colegas em atividades variadas. Tratei da experiência de formar uma banda-tributo a Raul Seixas — Os Raulzitos — e da participação em espaço de juventudes políticas, como foi o caso do Levante Popular da Juventude, oriundo da Consulta Popular, uma

organização bem relacionada entre o PT e suas dissidências PSTU e PSOL. No início do terceiro ano tratei da primeira parte da participação no Estágio Interdisciplinar de Vivência, organizado pelo MST, MAB e diversos coletivos e Centros Acadêmicos, além da centralidade do mesmo Levante Popular da Juventude.

As demais quatro entrevistas realizadas, com João Ricardo Penteado Lopes da Silva, da turma de Jornalismo de 2005 e participante efetivo da greve dos decretos Serra em 2007; Keytyane Verônica da Silva Medeiros, da turma de Jornalismo de 2012, Ativíssima tanto no CACOFF — opostamente em uma fase inativa — quanto na ascensão dos coletivos negro e feminista e da cena hip-hop de Bauru; Aléssio Iannone Esteves, da turma de Jornalismo de 2000 e participante do primeiro Fórum Social Mundial, em tempos de alto nível de atividades do DADICA; e Mara Rita Oriolo de Almeida, da turma de Relações Públicas de 1996 e primeira presidenta do CACOFF esperam a elaboração de suas edições. Todas foram realizadas no segundo semestre de 2017.

Foi escrito também uma imersão durante os ‘Jogos InterUnesp’ em novembro de 2017. O ‘InterUnesp’ antigamente era assim chamado e hoje, um evento plenamente comercial e chamado apenas de ‘O Inter’. É um tema que relaciona uma característica importante das organizações estudantis por se tratar de um evento antes organizado pelo DCE-HR, até 1998 e tem até um trecho reservado dentro da segunda edição, de Marco Antônio. O texto foi engavetado para entrar provavelmente no livro e Mara Rita Oriolo, e trata inclusive de uma situação que envolveu trabalho insalubre dos bartenders durante as tendas e festas noturnas, gerando um processo judicial.

O Professor Luiz Fernando da Silva, do Departamento de Ciências Humanas da FAAC/Unesp colaborou em fazer a orientação do projeto, me indicando às referências de leitura sobre o Movimento Estudantil, bem como diversas fontes, especialmente de ex-alunos de jornalismo do final dos anos 1990 e início dos anos 2000, como Diego Cruz, Roberto Dalla Santa Barros e Rafael Bellan, organizados dentro o DADICA. Deste ponto de partida pude chegar a outras fontes, então entrevistadas pelas redes sociais através da captura de áudio: Rafael Prata e Renina Valejo do Jornalismo, e também organizados dentro do DADICA, e Flávio Ferrão, do Radialismo, organizado dentro do CACOFF.

O uso do áudio foi importante para complementação dos assuntos escritos sobre determinado período criando novos recortes sobre diferentes gerações. Bruno Ginoldo

Candeias, da turma de Radialismo de 2007, explicou as ideias em torno da elaboração do logo mais recente do CACOFF o conceito envolvendo a praticidade como uso para pintura em stencil; o professor Fábio Negrão, do Departamento de Comunicação Social contou sobre o papel do movimento estudantil na época de graduação na FEB, além da conceituação em torno das mudanças relacionadas aos coletivos de minorias; Guilherme Cunha Weimann, da turma de Jornalismo de 2009, contou sobre sua experiência com o Levante Popular da Juventude, o Estágio Interdisciplinar de Vivência (EIV) com o MST, o trabalho como diretor do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) e as experiências como documentarista junto com seus colegas Vinícius Henrique Denadai Gomes e Bruno Ferrari, culminando no documentário Arpilleras: Atingidas por Barragens Bordando a Resistência, que lhes rendeu as primeiras exposições nos cinemas e premiações.

O produto final não se encontra na diagramação de brochura planejada, mas seu conteúdo já está plenamente pronto. Conceituei uma brochura com formato em torno de 15x21cm, e com fontes Swiss721 BT para títulos, sendo a versão condensada para textos que acompanham o uso dos QR codes, e a Charter BT tamanho 14, para chamar a atenção de uma leitura rápida e interessada ao estudante que acompanha ou visita a permanência na sala do CACOFF. Os tipos são o modelo padrão utilizado pela Unesp.

4.Considerações Finais

Antes, vale reiterar os agradecimentos Professor Luiz Fernando da Silva, do Departamento de Ciências Humanas da FAAC/Unesp colaborou em fazer a orientação do projeto, me indicando às referências de leitura sobre o Movimento Estudantil, bem como diversas fontes, especialmente de ex-alunos de jornalismo do final dos anos 1990 e início dos anos 2000, como Diego Cruz, Roberto Dalla Santa Barros e Rafael Bellan, organizados dentro o DADICA. Deste ponto de partida pude chegar a outras fontes, então entrevistadas pelas redes sociais através da captura de áudio: Rafael Prata e Renina Valejo do Jornalismo, e também organizados dentro do DADICA, e Flávio Ferrão, do Radialismo, organizado dentro do CACOFF. Neste último semestre o professor se licenciou e, precisando ganhar o melhor tempo, procurei pelo professor Arlindo Rebechi Junior, que já considerava como banca, para me orientar em seu lugar.

A ideia deste livro veio principalmente levando em conta a necessidade de estabelecer a memória para que se compreenda com mais lucidez o presente e possamos

organizar as entidades, que apesar dos esforços penam em termos de recursos, rotinas de organização, e carecem de referência aos estudantes que chegam.

A qualquer forma de organização estudantil espera-se que haja progresso através de suas atividades, tronando seu papel interventor mais impactante, sua posição política enquanto feita de jovens adultos. Observa-se que faltam opções para que muitas entidades estudantis atuem com condições dignas de maior diversidade, afinal, a cada corte de bolsa, de orçamento institucional ou cada ação que trate o estudante de modo expulsivo ou criminalizador — o que inclui um reforço disso sobre os negros, sobre as mulheres, sobre as opções sexuais (não só de escolha mas também de hábitos) da condição do transgênero e assim por diante.

A fotografia não recebeu muito destaque, mas compreende e colabora muito bem para o papel de demarcar momentos históricos dos estudantes de comunicação. O uso de notas sobre as notícias representam muito bem o que o estudante tem vivido e experienciado na última década.

Episódios de luta vividos, como os casos de ocupação do RU de Bauru ou da Reitoria, casos que fazem parte de três episódios de greve em quatro anos, foram cruciais nesta conclusão: a ressaca de grandes movimentos desarticula as entidades a ponto de dar a entender que se esquece da existência das mesmas. É do perfil da instituição que façamos movimentos sem grande impacto, como que numa bolha social e presos à vontade de um Estado que somente promove desmontes de estruturas de excelência?

Entre as dificuldades a serem enumeradas temos a relação de equipamentos, do modo de construção do trabalho, quase ao casuísmo, visto que há uma construção de conteúdo bastante detalhista. O ritmo da construção do produto foi artesanal, sujeito a certo subjetivismo deslocado. Haveriam fontes mais bem conceituadas e mais impactantes, não fosse por razões de distância, ou a falta de recursos técnicos para quem fez o trabalho opcionalmente sozinho.

Vale-se dizer que os professores que um dia foram de luta ou ao menos próximo delas quando aluno se faz respeitável assim que se apresenta com objetivos pouco ortodoxos e com desejo de fazer mudanças. Mas que não se confunda isso com excesso de liberdade sobre os outros, vide processos desproporcionais contra estudantes, e porque não, contra eles próprios.

Concluindo, creio que este trabalho vá contribuir para dar bases e princípios à entidade. Temo somente pela discórdia do conteúdo, visando um olhar ideológico e indo contra a proposta de elaboração de uma memória com bases no CACOFF. Mais ainda: ser do CACOFF não implica um conceito ideológico pré-julgado, ou ser de uma entidade qualquer que seja. Tudo é feito por quem é ativo nelas. Sentar num trono não nos transforma. O ambiente pode ser repleto de conformismos, mas quem nada contra esta maré, qualquer a direção que seja, tem muito a contar. Deseja-se construir a memória do CACOFF aos poucos, fazendo da sua construção um pouco do que cada um foi capaz de fazer pela entidade, não só sentando com os professores ou realizando assembleias, e sim no quão foi importante dentro das dinâmicas com a cidade de Bauru. Pode ser pela parceria com coletivos, pela participação dos mesmos, pode ser organizando as festas; ou escolhendo outras áreas de atuação — que os mesmos conformistas chamam de dinossauros, ou de parasitas políticos, sem saber onde aquela mente está em busca de uma solidificação do DCE-HR; pode ser articulando uma greve, ou uma ocupação; pode ser fazendo corujões de jogos eletrônicos ou de RPG, no bosque da Unesp ou, simplesmente, fundando uma fusão de entidades, esta que mais de vinte anos depois gera significado para elaborar esta coletânea.

BIBLIOGRAFIA

Arquivo do Centro Acadêmico de Comunicação Florestan Fernandes (CACOFF) e Diretório Acadêmico 'Di Cavalcanti' (DADICA).

LIMA, Edvaldo Pereira, 1951-. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura** – 4ª ed./ Edvaldo Pereira Lima – [Ed. rev. E ampl.] - Barueri, SP: Manole, 2009.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: O diálogo Possível**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2002. 96 p.

MENDES JUNIOR, Antônio. **Movimento estudantil no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982. 92 p.

POERNER, Arthur José. **“O Poder Jovem - História da participação política dos estudantes brasileiros”**. 5ª Ed. Civilização Brasileira, 2004.

SANFELICE, José Luis. **Movimento Estudantil: A UNE na resistência ao golpe de 64**. São Paulo: Cortez, 1986. 240 p.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes**. In SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) *Epistemologias do Sul*. São Paulo; Editora Cortez. 2010. 637p.

SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira: quem é e como vive**. Col. André Grillo (et al.) – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

VILLAS-BOAS, Sergio. **Perfis: E Como Escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003. 162p.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.